



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

O POPULISMO ESTÁ ENRAIZADO NA ALMA LATINO-AMERICANA.

A TENTACÃO CENTRALIZADORA E AUTORITÁRIA ESTÁ IMPREGNADA NOS LÍDERES QUE EXALTAM O NACIONALISMO E ABUSAM DA PROPAGANDA POLÍTICA.

A RAIZ DO CAUDILHISMO ESTÁ NA POLÍTICA COLONIAL ESPANHOLA DE REFORÇAR SUAS FORÇAS MILITARES COM MILÍCIAS.

NESSES TRISTES TRÓPICOS, AS AMEAÇAS CENTRALIZADORAS DE DIREITA E DE ESQUERDA PAIRAM NO AR E CONDENAM GERAÇÕES À MEDIOCRIDADE.



Fontes: jornal Valor Econômico, in: Revista Eu & Fim de Semana, 31/1, 1/2 e 2/2 de 2014; Cadernos Adenauer # 4, 2006; Globo.com, in: Bolívarismo; Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, in: Dicionário de Política.

ALMA LATINA O populismo está enraizado na alma latino-americana. E a tentação centralizadora e autoritária está impregnada nos líderes carismáticos que exaltam o nacionalismo e abusam da propaganda política. Caudilhos se autointitulam salvadores da pátria e abundam nesses “tristes trópicos”. Eles são um híbrido de líder político com formação militar. São autoritários e surgiram no século XIX com programas de reformas genéricas e o objetivo de garantir adesão das pessoas comuns. Podem ser ditadores, coronéis e demagogos. Podem ser de direita ou de esquerda e se multiplicam como ervas daninhas se apropriando da vida das pessoas como se fossem donos da história.

CAUDILHOS A raiz do caudilhismo está na política colonial espanhola de reforçar suas forças militares com milícias recrutadas na população local e no objetivo de manter a ordem pública. Os milicianos tinham um salário meramente nominal pago pela Coroa, mas sua recompensa estava no prestígio e, principalmente, no foro militar que os isentava de certas taxas e tarefas comunitárias. Os caudilhos, tipicamente, conquistavam poder sobre a sociedade e posicionavam-se como líderes. Muitos usavam seu poder para aumentar sua riqueza e promover os seus próprios interesses.

GOLPES Na Venezuela, o caudilhismo iniciou-se em 1848, com o golpe de José Tadeo Monagas (1831 – 1880) e prosseguiu depois da Guerra Federal, com o governo de Antonio Blanco (1829 – 1899), que ganhou força maior que o próprio exército nacional. Posteriormente, veio o golpe de Juan Vicente Gómez (1857 – 1935), que governou a Venezuela até a morte, sustentado em sua autoridade pessoal. Ditadores apoiados por militares são um fator de instabilidade nas sociedades latino-americanas. Alguns deles são notórios, como Gabriel Garcia Moreno (1821 – 1875), no Equador, e Rafael Trujillo (1891 – 1961), na República Dominicana.

MANOBRAS No Brasil, até 1889, não houve caudilhos. O sistema político do Império impedia a ascensão dessas lideranças. Contudo, após a proclamação da República, o caudilhismo ganhou força no Rio Grande do Sul, com o surgimento de caudilhos como Júlio Castilhos (1860 – 1903), Borges de Medeiros (1863 – 1961), Flores da Cunha (1880 – 1959) e Getúlio Vargas (1882 – 1954). Egresso da política gaúcha, Getúlio chegou ao poder no Brasil em 1930. Sua ascensão surgiu da cisão na chamada política do “café com leite” – acordos entre mineiros e paulistas que dominou a I República brasileira. Esta cisão levou à chamada Revolução de 1930 e colocou no poder Getúlio Vargas, que governou o Brasil por longos 15 anos através de manobras políticas, apoio militar e finalmente através da repressão do chamado Estado Novo.

NACIONALISMO Na Argentina, o caudilhismo foi representado por Juan Manuel Rosas (1793 – 1877), Juan Facundo Quiroga (1788 – 1888) e Juan Domingo Perón (1895 – 1974). Este último governou o país entre 1946 e 1955, com o apoio da classe trabalhadora, a defesa da reforma agrária, leis trabalhistas e fortalecimento da indústria. Um modelo muito semelhante ao de Getúlio Vargas, no Brasil, cujo programa estava apoiado no nacionalismo, em políticas públicas voltadas para os trabalhadores, na formação de sindicatos controlados pelo Estado e na criação da indústria nacional.

SIMON BOLÍVAR Mas a inspiração dos caudilhos e populistas na América Latina está na figura do libertador Simon Bolívar (1783 – 1830). Líder militar e líder político venezuelano, Bolívar lutou pela independência da América Espanhola juntamente com Jose San Martin (1778 – 1850). Fundou a Primeira União das Nações Independentes da região que presidiu de 1819 a 1830. Liderou a Bolívia, a Colômbia, o Equador, o Panamá, o Peru e a Venezuela pela independência e lançou as bases ideológicas desta independência. Seu projeto de libertação pregava a constituição de nações livres e independentes, unidas entre si por leis comuns.

HUGO CHÁVEZ Em 1999, quando chegou ao poder na Venezuela, Hugo Chávez (1954 – 2013) adotou os ideais nacionalistas de Simon Bolívar na condução de seu governo. Entre suas ações estão a criação da Constituição Bolivariana de 1999, a mudança do nome do país para Estado da República Bolivariana da Venezuela e a inclusão do nome Bolivariano para Escolas e Universidades venezuelanas. Em 2005, Hugo Chávez incorporou ao seu repertório bolivariano a reinterpretação do que seria um socialismo para o século XXI. Um carnaval de conceitos e ideais que acabou sendo batizado de Chavismo.

POPULISMO O Chavismo é composto por três bases: o ideário libertador de Simon Bolívar, a reinterpretação da ideologia socialista e o ideário de Ernesto Che Guevara (1928 – 1967), Fidel Castro (1926), Augusto César Sandino (1895 – 1934), entre outros líderes revolucionários da América Latina. Tendo permanecido no poder por 14 anos, Chávez deixou como legado a erradicação do analfabetismo e a redução da pobreza, mas trouxe também altas taxas de criminalidade e inflação (20%). Além disso, o Chavismo provocou a desvalorização da moeda, o racionamento de energia, o fechamento das emissoras de televisão e criou condições para permanecer no poder por tempo indeterminado.

AMEAÇAS CENTRALIZADORAS Chávez morreu em 2013, mas orquestrou para deixar no seu lugar um homem da sua confiança. Mesmo morto, conseguiu emplacar Nicolás Maduro na presidência da Venezuela. Agora, Maduro é o mais novo caudilho da América Latina. E faz coro com outros tantos do continente, como Evo Morales, na Bolívia, Rafael Correa, no Equador, Daniel Ortega, na Nicarágua, e Fidel Castro, em Cuba. São populistas incrustados no poder, avessos à liberdade de expressão, ancorados no baixo esclarecimento do povo, confiantes no seu carisma, escudados na força militar e perpetuados na bajulação. Nesses tristes trópicos, as ameaças centralizadoras de direita e de esquerda pairam no ar e ofendem o florescimento social, destroem o desenvolvimento, nivelam a sociedade por baixo, roubam os direitos civis, deseducam e condenam gerações à mediocridade.